

# LUZEIRO



CIENCIA - FILOSOFIA - RELIGIÃO

## O LUZEIRO

Revista Mensal publicada pela Editora "O LUZEIRO" Ltda.

DIRETOR RESPONSÁVEL:

Eng. Clovis Bradeschia

SUPERVISOR:

Dr. Ermelino J. Pugliese

GERENTE:

Eng. G. E. Malschitzky

SECRETARIO:

Socrates H. de Oliveira

TESOUREIRO:

Luiz Boschetti

As opiniões emitidas em artigos assinados são de responsabilidade dos autores.

## SUMARIO

- Contemplações Celestes
- As Pirâmides eram Tumulos?
- A Missão de Purna
- O Radium na Geologia e na Cosmologia
- Os seis Sistemas de Filosofia Índú
- Reminiscências Atlantes
- Dor e Angustia
- Origem da Parábola
- Alguma Luz Sobre a Lenda do Caramurú
- O Misterioso Número «Sete»

REDAÇÃO: Rua da Liberdade, 47 - 1.º andar — Fone: 35-2785 — SÃO PAULO - BRASIL  
Representação em SANTO ANDRÉ (Est. de S. Paulo - E. F. S. J.) - Av. Industrial, 52

## CONTEMPLAÇÕES CELESTES (1)

LAURENTUS

«Feliz o habitante da Terra que ousou contemplar os mistérios divinos».

Hino a Demeter

Quanto haviam de ter mirado o céu os povos antigos!

Ao lado dos seus rebanhos, à entrada de sua gruta ou tenda, aprenderam a cantar o panorama celeste, aspirando sempre a chave dos seus mistérios. Os anais indús e sanscíticos apontam as datas de eclipses, de chuvas, de estrêlas e aparições de cometas em épocas que nos pareceriam fabulosas, se já não tivessem sido escrupulosamente investigadas pelo valoroso orientalista Bailly, e conhecidas pelos panditas e brâmanes. Os asiáticos da Caldéia e da Babilônia revelaram os resultados de suas contemplações celestes em ladrilhos cúbicos, assim como os egípcios as gravaram nas vivas e palpitantes entranhas das tradições e dos simbolismos roubados ao céu pela terra, respectivamente através do incomparável magismo de Zoroastro (Zero-astro ou Astro-zero, o Sol) e dos sacerdotes de Saís, Tebas e Mênfis.

Entre a poeira de sóis da Via Láctea leu Abraão todos os destinos do povo eleito, ouvindo a voz de Jeová, que lhe dizia «ser tão numerosa a sua descendência como numerosas as estrêlas do céu». O bom Job, quiçá contemporâneo do mesmo Moisés, enaltecia aos seus amigos o infinito poder de quem colocou nos céus as Plêiades, Orion e Arturo. E Isaias disse que «Lúcifer era a estrêla das chaves do abismo apocalíptico».

O Egito esperava Sirio e Cánope — as duas mais formosas estrêlas do céu — como sinal infalível da inundação do Nilo, e as admirava, tal como o árabe, quando das suas móveis dunas divisava o Boi branco (Nuvens de Magalhães), atingindo o horizonte. Maravilha análoga desfrutaram nossos ascendentes celtas com Vega e Capela culminando no zênite, com Júpiter luzindo no bordo das nuvens, cúmulos do carro de Wotan ou de Odin, ou por entre a ramagem misteriosa da enzinha germânica do Donar. Que procuravam eles no céu? Inspiração, *substractum* das ciências?

Queriam, por acaso, que elas descessem do céu?

Eis porque não se deve estranhar que os discípulos

de Tales de Mileto, como haviam aprendido de Pitágoras, imitando os seus mestres caldeus e egípcios, passassem horas inteiras a mirar, através de insignificantes tubos de metal enegrecido, os astros, em seu conjunto orquestral, a rodar pelo «cerúleo manto do Firmamento».

Muito lógico, pois, que ali quisessem ver aquilo que as auditivas fantasias já pressentiam como uma música supra-sensível.

O nascer e morrer do Sol foi o relógio celeste que regulou a vida diária do homem desde os seus primeiros dias; a Lua regeu os seus meses; as estações trouxeram seu ano, e este foi elaborando lentamente as primeiras cronologias, como se fôssem os olhos e a alma da História. A História baixou do céu; do céu nasceram os mitos com a primeira queda de estrêlas... E com estas, o mistério dos VINTE E DOIS ARCANOS MAIORES.

O tempo foi marcando, com a relativa precisão de cada época, os movimentos aparentes dos astros. E então, para medi-los, foi inventado o relógio de areia, a clepsidra de água e o quadrante solar... para que os homens pudessem regular a marcha de sua vida, seguindo a daqueles mesmos astros.

Que seria de toda nossa vida de relação sem os relógios inventados pela astronomia? As necessidades astronômicas de orientação em alto mar criaram a bússola, que há séculos os chineses já conheciam, o almicantaredo e o sextante, pais do teodolito e do taquímetro, com os quais traçamos nossos mapas, estradas de rodagem e vias férreas; a descoberta da luneta astronômica concorreu para a consequente fabricação do primeiro microscópio; a seguir, da fotografia e do espectroscópio. Privar a medicina de uns e outros instrumentos, bem como a física, a geologia, etc., seria obrigá-las a parar onde atualmente se acham.

Toda contemplação astronômica começa pela Lua. Sua plácida e mutável face dá a impressão de ser ela animada por monótona e tristonha vida. Ora se enche

## AS PIRÂMIDES ERAM TÚMULOS OU ERAM TEMPLOS INICIÁTICOS?

Entre os monumentos ainda existentes do antigo Egito, as Pirâmides ao lado da Esfinge, ocupam o lugar de maior destaque. Nos tempos do esplendor Alexandrino, os sábios daquela época classificaram as Pirâmides como a primeira das Sete Maravilhas do Mundo. Das sete, somente as Pirâmides restam de pé, em nossos dias. Estão situadas no planalto de Gizeh, atrás da Esfinge. A construção da primeira Pirâmide, chamada também a «Grande Pirâmide», é atribuída a **Khu-fu** ou **Kheops**, faraó da IV dinastia. A da segunda Pirâmide é atribuída a **Ka-f-Rá** ou **Khepherem**, e a terceira a **Men-Khau-Rá** ou **Micerinos**. As pirâmides se acham relacionadas com a idéia da constelação do Grande Dragão, os «**Dragões da Sabedoria**» ou com os Grandes Iniciados ou Instrutores da terceira e quarta Raças e com as inundações do Nilo, consideradas como uma recordação do grande dilúvio atlante. Na construção da Grande Pirâmide, baseada no sistema decimal (o número 10 ou seja a combinação dos princípios masculino (I) e feminino (O) se observa um sistema de ciência exata, geométrica, aritmética, e astronômica, fundada na razão integral do diâmetro à circunferência do círculo. A construção das pirâmides constitui a perdurável recordação e o indestrutível símbolo dos cursos dos astros, assim como dos Mistérios e Iniciações. Com efeito, as medidas da Grande Pirâmide coincidem com as do alegórico **Templo de Salomão**, emblema do ciclo da iniciação, como coincidem também com as da **Arca de Noé** e da **Arca da Aliança**. E, realmente, o dito monumento era um santuário majestoso, em cujos sombrios recintos se celebravam os **Mistérios** e cujas paredes haviam sido mudas testemunhas de cenas iniciáticas de membros da família real. O sarcófago de porfiro, tomado por **Piazzi Smyth** como simples medida de grãos, era a «**Fonte batismal**», da qual o néofito, ao sair, renascia e se transformava no Adepto, ou Homem Perfeito. A pirâmide era igualmente símbolo do princípio creador da natureza, assim como da excelsa hierarquia dos Espíritos (**Devas**, **Pitris**, etc.). Simbolizava o universo fenomenal, sumindo-se no triângulo numeral do pensamento, no vértice dos quatro triângulos, e, por último, simbolizava o mundo ideal e visível, posto que em sua figura se vêm combinados o triângulo dos lados, o quadrado da base e o vértice, ou seja, a **Triade** e o **Quartenário**, o **3** e o **4**.

Os engenheiros que acompanharam **Napoleão** ao Egito, em seu Estado Maior, tomando como ponto de partida de seu sistema de coordenadas a Grande Pirâmide, tiveram a surpresa de constatar que a linha do Meridiano, assim escolhida para origem, dividia o Delta exatamente em duas partes iguais e que a posição da Grande Pirâmide a qualificava como meridiano central, não somente para o Egito, mas, para todo o Globo terrestre, pois, divide em partes iguais as superfícies habitáveis. Este meridiano, é, pois, em longitude, a origem natural para a esfera terrestre. **Ralstor Skinner**, em sua obra «**A Origem das Medidas**», diz que o número «**Pi**»  $\pi$ , (1) era conhecido e usado pelos Egípcios. Descobriu o mesmo autor, que um sistema de ciência exata, geometria, aritmética e astronomia, fundada nas relações, que foi empregada na construção da Grande Pirâmide, era em parte o conteúdo que se achava oculto no texto hebraico da Bíblia.

Quanto à época em que realmente foram construí-

das as Pirâmides, nada mais podemos fazer que meras conjecturas.

Para os historiadores, isto se passou durante a IV dinastia sob o reinado dos faraós **Kheops**, **Khephren** e **Micerinos**, há cerca de 6.600 anos, segundo uns, ou há 4.800 anos segundo outros. Interpretando antiquíssimos textos sagrados, que atribuem estes monumentos a seres de origem divina, que aparecem em cada grande ciclo, teríamos para as pirâmides uma data de construção muito mais antiga. Vejamos o que nos diz um destes textos: «**Os poderosos, cada vez que penetram em nosso véu mayáxico (atmosfera) no início de um ciclo, executam suas grandes obras e deixam atrás de si monumentos imperecíveis para comemorar sua visita**».

Isto nos diz que as pirâmides foram executadas sob a inspeção direta de um destes seres, «**quando Alpha Polaris, a estrela polar de então, se achava em sua culminação inferior e as Krittikas ou Pleiades, as contemplavam do alto, (isto é, se encontravam no mesmo meridiano, mas em cima), para contemplar a obra dos Gigantes**». Do que vimos, as pirâmides, foram construídas no princípio de um Ano Sideral (25.868 anos solares), de Alpha Polaris, ou seja, a cerca de 31.150 anos.

Segundo as narrativas dos sacerdotes egípcios, quanto à contagem da idade da civilização naquele país, chegamos ainda a uma outra época. As inscrições encontradas em escavações efetuadas em **Sakkarah**, mencionam naquela época já terem passado dois ciclos sotíacos. Ora, cada ciclo sotíaco corresponde a 1.461 anos e como as inscrições lá encontradas já datam de cerca de 6.800 anos, teríamos para a civilização egípcia cerca de 9.620 anos. Na época em que **Herodoto** esteve no Egito, os sacerdotes disseram-lhe que eles contavam o tempo já duma época remota, e que desde então o Sol havia nascido duas vezes no lugar onde então se punha, e que se havia posto duas vezes onde então nascia, ou seja, um período de 51.736 anos.

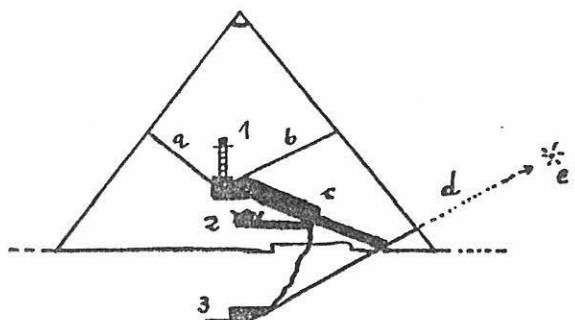
Em verdade, a construção das Pirâmides data da época em que **Alpha Polaris**, era estrela polar, isto é, há 31.150 anos aproximadamente. Portanto, é de uma época anterior à do cataclisma atlante, tendo sido sua construção dirigida por sacerdotes daquele país, que emigraram para o Egito, sendo mais tarde reconstruídas pelos faraós da IV dinastia, com o auxílio dos hierofantes egípcios, que conservaram em seus arquivos secretos a herança da Tradição Iniciática Atlante e sua contagem de tempo relativa a estas construções.

Considerando as dificuldades em torno da construção da Grande Pirâmide, chegamos a conclusão de que a afirmativa de alguns historiadores, de que foi construída para servir de túmulo a um faraó, é errônea. Basta considerarmos que o material de sua construção foi recolhido a grande distância; os blocos de granito vieram de «**Syena**» e os blocos calcáreos de «**Turah**». Além disso, o transporte e a colocação de cerca de três milhões quinhentos e vinte mil metros cúbicos de pedra, em três milhões e trezentos mil blocos, pesando cada um cerca de duas toneladas e meia, sobre o sol causticante da África, tornam a hipótese de um simples capricho, bem pouco aceitável. Por outro lado, jamais se ouviu dizer que algum egiptólogo prudente tenha achado, na Grande Pirâmide, algum sarcófago, corpo humano mumificado, aparelhamento funerário ou qualquer inscrição hieroglífica, baixo-relevo esculpido e pinturas representando cenas da vida do extinto, tão co-

muns nos monumentos funerários egípcios. Também os condutos de aeração com mais de 65 metros de comprimento, ligando a «Câmara do Rei» e a «Câmara da Rainha», ao exterior, são fortes argumentos contra a hipótese, pois evidentemente, múmias não necessitavam de ar para respirar. Além disso, a «Câmara do Rei» está situada há cerca de 50 metros acima do nível do solo, quando em todos os outros túmulos se encontra abaixo deste.

O aspecto exterior da Grande Pirâmide, hoje, difere do antigo, pois naquela época possuía um revestimento, em suas quatro faces, de fino calcáreo branco, polido, que refletia o Sol de forma deslumbrante. Por esta razão os antigos egípcios denominavam a Grande Pirâmide de «LUZ». Hoje, as faces outrora lisas, apresentam degraus pela falta de revestimento, que caiu dois anos depois da passagem de Abdul Latif pelo Egito, devido a um terremoto que abalou o país. Os árabes que então o dominavam, utilizaram-se dos blocos para reconstruir a cidade do Cairo. Ainda hoje podem ser aí observados estes blocos de calcáreo branco, com hieróglifos, ornamentando edifícios antigos.

### A GRANDE PIRÂMIDE DE KHÉOPS (SEGUNDO O PADRE MOREUX)

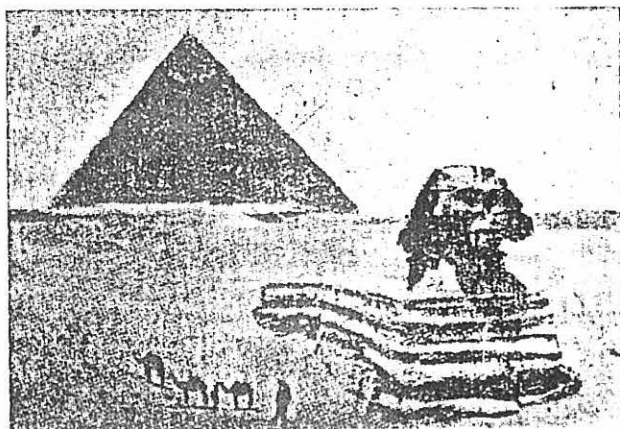


- 1 - Câmara do Rei
- 2 - Câmara da Rainha
- 3 - Câmara subterrânea que conduz à Esfinge
- a-b: Ventiladores
- c - Grande galeria
- d - Galeria de entrada
- e - Estrela Polar.

A atual entrada da Pirâmide, não é a mesma utilizada na época dos Mistérios. Esta foi fechada e selada pelos Grandes Sacerdotes, antes de abandoná-la, e durante muitos séculos permaneceu um segredo. Somente no ano 820 de nossa era, que o Califa Al Mamoun, filho do Califa Haroun Al Rachid, baseado em textos dos sábios gregos que mandara traduzir para o árabe, empreendeu a abertura da Grande Pirâmide. Deslocou com este fim, para o planalto de Giseh, um grande número de trabalhadores, artesãos, arquitetos, etc. que, utilizando-se somente de ponteiros, brocas, marretas e fogo, os instrumentos conhecidos na época, para este trabalho, chegaram ao fim de alguns meses e ajudados por um capricho da sorte, a localizar a antiga entrada. A Grande Pirâmide foi reaberta. Entretanto, logo a seguir estava o caminho barrado por uma porta, formada por enorme bloco de pedra, idêntica à utilizada nos demais santuários secretos do Egito. Adaptava-se à abertura, vedando hermeticamente a passagem, funcionando por forte pressão sobre um dos bordos, que a fazia girar em torno de seu eixo. Além desta primeira

porta, seguia-se outra de madeira, muito pesada. Esta segunda porta, dava acesso a um corredor em declive, que era interceptado por outras nove portas de madeira mais leve. Bloqueava, o fim deste corredor, uma porta semelhante à exterior, formada de um único bloco de pedra, que se movia, em torno de um eixo de pressão. Com o terremoto havido no fim do século XII de nossa era, todas essas portas, com a exceção da última, desapareceram durante a pilhagem, em busca de materiais para a reconstrução da cidade do Cairo. Na impossibilidade de removerem o enorme bloco que constituía esta última porta, procederam uma abertura ao lado dela, atingindo um corredor em aclave. Termina esta rampa em um ponto de encontro de 3 corredores. Um segue horizontalmente para o centro da pirâmide, terminando em um compartimento denominado a «Câmara da Rainha». Outro, desce para parte inferior da pirâmide em forma de poço. O terceiro, é uma galeria em aclave, que termina em um vestibulo. Este, dá acesso a um compartimento também no centro da pirâmide, que é conhecido como a «Câmara do Rei». Esta câmara não possui mobiliário nem inscrições sobre as paredes ou sobre o teto. Somente um ataúde de granito rosa, aberto, está pousado sobre o solo da câmara.

As pirâmides foram utilizadas pelos antigos egípcios para a realização dos Mistérios. Aí eram iniciados os Faraós e os membros da família real nos ritos de Isis e Osiris.



1) O comprimento da Câmara do Rei, medido em polegadas pirâmidas e multiplicado por 3,1418, dá exatamente, a divisão do ano solar: 365,242 dias. Multiplicando-se a polegada pirâmida por 100 bilhões, obteremos o curso da Terra sobre a sua órbita, num dia de 24 horas. A polegada pirâmida, medindo 25 milímetros 4284, teremos  $25,4284 \times 25 = 0,635,660$  m que é exatamente, o comprimento do covado sagrado que serviu àqueles arquitetos. Multiplicando-se este número por 10 milhões, teremos 6.356.600 m que é, o comprimento do raio da Terra, sendo que, desse modo, o covado de 635 milímetros atual, já constituía o estalão métrico, que os nossos modernos cientistas foram buscar no meridiano equatorial, após penosos trabalhos e que por essa medição é, igualmente ali encontrado. O número de polegadas pirâmidas, contido nas duas diagonais da base, dá 25800 e fração ou seja 26000. Este número, corresponde, igualmente à precessão dos equinócios, isto é, a volta do polo celeste ao mesmo ponto de partida.

Ora, tudo isso não pode ser produto de uma mera coincidência, e, se coincidência houvesse em cada um desses cálculos, teríamos de reconhecer que essa coincidência é terrivelmente inteligente.

Mas, coisa mais curiosa, (diz Saint-Yves) este número (3,1418), tem igualmente, relação com a Ciência do Verbo, pois,  $22 (7 \times 3 = 21 + 1 = 22)$  dividido por 7 (os poderes ou Forças Criadoras, Dhyan Choans, etc.) é igual à 3,1428; mas,  $22 \times 1428 = 3,1418$ . Este número segundo a Kabala é o valor de Elohin. Se conclui do exposto que a construção obedecia um plano divino.

## A MISSÃO DE PURNA

(Do Evangelho de Buddha)

OLAVO BILAC

Ora, Buddha, que, em prol da nova fé, levanta  
Na India antiga, o clamor de uma cruzada santa  
Contra a religião dos Brahmanes, — medita.

Imensa, em torno do sabio, a multidão se agita:  
E ha nessa multidão, que enche a planicie vasta,  
Homens de toda a especie, Aryas de toda a casta.  
Todos que (a principio, enchia Brahma o espaço)

Da cabeça, do pé, da coxa ou do antebraço  
Do deus vieram à luz para povoar a terra:  
— Kchâtrias, de braço forte armado para a guerra;  
Çakias, filhos de rei; leprosos perseguidos  
Como cães, como cães de lar em lar corridos;

Os que vivem no mal e os que amam a virtude;  
Os ricos de beleza e os pobres de saúde:  
Mulheres fortes, mães ou prostitutas, chelo  
De tentações o olhar ou de alvo leite o seio;  
Guardadores de bois; robustos lavradores,  
A cujo arado a terra abre em frutos e flores;  
Crianças, anciãos, sacerdotes de Brahma;  
Párias, Sudras servís rastejando na lama;  
— Todos acham amor dentro da alma de Buddha,  
E tudo nesse amor se eternisa e transmuda...  
Porque o sabio envolvendo a tudo, em seu caminho,  
Na mesma caridade e no mesmo carinho,  
Sem distinção promete a toda a raça humana  
A bemaventurança eterna do Nirvana.

Ora, Buddha medita...

A maneira do orvalho,  
Que, na calma da noite, anda de galho em galho,  
Dando vida e umidade às arvores crestadas,  
— Aos corações sem fé e às almas desgraçadas  
Concede o novo credo a esperança do sono;  
Mas, as almas que estão, no horrível abandono  
Dos desertos, de par com os animais ferozes,  
Longe de humano olhar, longe de humanas vozes,  
A rodar, a rodar de pecado em pecado?...  
Ergue-se Buddha:

Purna!

O discípulo amado

Chega:

"Purna! é mister que a palavra divina,  
Da agua do mar de Oman à agua do mar da China,  
Longe do Indus natal e das margens do Ganges,  
Semeies, atravez de dardos e de alfanges,  
E de torturas!"

Purna ouve sorrindo, e cala...

No silencio em que está, um sonho doce o embala.  
No profundo clarão do seu olhar profundo  
Brilham a ancia da morte e o desprezo do mundo.  
O corpo que o rigor das privações consome,  
Esqueletico, nú, comido pela fome,  
Treme, quasi a cair, como um bambú com o vento  
E erra-lhe à flor da boca, a luz do firmamento  
Presa a um sorriso de anjo...

E ajoelhando junto ao Santo:

Beija-lhe o pó dos pés, beija-lhe o pó do manto.  
"Filho amado! — diz Buddha — essas barbaras gentes  
São grosseiras e vís, são rudes e inclementes.  
Se os homens (que, em geral, são máos os homens todos)  
Te insultarem a crença, e cobrirem de apodos,  
Que dirás, que farás contra essa gente inculta?"  
"Mestre! direi que é boa a gente que me insulta,  
Pois, podendo ferir-me, apenas me injuria..."

"Filho amado, e se a injuria abandonando um dia  
Um homem te espancar, vendo-te fraco e inerme,  
E sem piedade aos pés te pisar, como um verme?"

"Mestre! direi que é bom o homem que me magôa,  
Pois, podendo ferir-me, apenas me esbordôa..."

"Filho amado! e se alguém, vendo-te agonizante,  
Te furar com um punhal a carne palpitante?"

"Mestre! direi que é bom quem minha carne fura,  
Pois podendo matar-me, apenas me tortura..."

"Filho amado! e se enfim, sedentos de mais sangue  
Te arrancarem ao corpo enfraquecido e exangue  
O ultimo alento, o sopro ultimo da existencia.  
Que dirás, ao morrer, contra tanta inclemência?"

"Mestre! direi que é bom quem me livra da vida...  
Que, com tão pouca dor, minha carne cançada  
Entrega ao sumo bem e à suma paz do Nada!"

"Filho amado! — diz Buddha — a palavra divina  
Da agua do mar de Oman à agua do mar da China,  
Longe do Indus natal e dos vales do Ganges,  
Vae levar, atravez de dardos e de alfanges!  
Purna! ao fim da Renuncia e ao fim da Caridade  
Chegaste estrangulando a tua humanidade!  
Tu sim! podes partir, apostolo perfeito,  
Que o Nirvana já tens dentro do peito  
E és digno de pregar a toda raça humana  
A bemaventurança eterna do Nirvana!"

## O RADIUM NA GEOLOGIA E NA COSMOLOGIA (\*)

Henrique Tschelnitz

Um milhão de anos, lapso de tempo que ultrapassa nossa imaginação, é uma unidade temporal das pesquisas geológicas e cosmológicas. Que relógio poderia servir-nos para registrar o desaparecimento de milhões e milhões de anos, desde a formação do universo?

Parece uma pergunta absurda. Mas, na realidade, a própria natureza brindou-nos com um tal relógio sob a forma daquelas substâncias radioativas, cuja desintegração espontânea, obedecendo a leis eternas, nos permite deduzir, com a precisão de um cronógrafo, os milhões e milhões de anos, no decorrer dos quais estes elementos nasceram e pereceram.

E', em primeiro lugar, o elemento urânio que serve para este fim. Quando sabemos que, de uma quantidade qualquer de urânio, a fração de 1/7.900 se transforma em chumbo no decorrer de um milhão de anos, podemos deduzir que cada um por cento de chumbo que se encontra num minério urânico, corresponde a 79 milhões de anos. A porcentagem de chumbo exerce, pois, a função de ponteiro de um relógio que dá ao homem a possibilidade de ler no mostrador os milhões e milhões de anos geológicos e cosmológicos.

A radioatividade se destaca dos fenômenos que se acham inteiramente subordinados às condições ambientes, tais como a pressão ou temperatura. A emissão dos raios radioativos efetua-se sem a menor interferência de condições ambientes, seja quando a respectiva substância se encontra exposta às temperaturas mais baixas dos gases liquefeitos, seja quando exposta ao calor do arco elétrico. Este fato nos levou a supôr que o sol, com sua temperatura superficial de cerca de 6.000° C, deve suas imensas reservas de energia às substâncias radioativas.

Mesmo que a massa solar fosse composta só por combustíveis do mais alto poder calorífico, sua energia ainda não daria para alcançar mais do que 5.000 anos de vida terrestre, ao passo que a vida humana, de per si, já foi avaliada em mais de 100.000 anos. O físico H. Helmholtz estabeleceu, por isso, a sua «teoria de contração», dizendo que as partículas solares, em consequência do próprio peso, mergulham na massa incandescente do sol e produzem tanto calor que o astro-rei pode dispôr de provisões energéticas por mais ou menos vinte milhões de anos. Mas também isto pouco significado teria, porque os geólogos remontam os seus cálculos a 100 e até 1.000 milhões de anos.

Foi, como já mencionamos, a radioatividade que nos deu uma explicação apropriada para a origem das energias gigantescas do astro central. Enquanto uma grama de carvão pôde produzir, pela combustão, cerca de 7.000 calorias, uma grama de rádio fornece, durante a sua desintegração lentíssima cerca de 2.000 milhões de calorias, isto é, 300.000 vezes mais. Presume-se hoje, que se encontram no interior da massa solar substâncias radioativas que constituem fonte de energia suficiente para milhares de milhões de anos.

Por outro lado a idade mínima do sol, do qual a terra hipoteticamente se separou, em estado incandescente, deve ser idêntica à da terra, e como o máximo da porcentagem em chumbo se encontra nos minérios urânicos com 20%, nosso cálculo apresenta o resultado de 20 x 97 ou 1.500 milhões de anos.

Intercalamos aqui a idéia de ser a radioatividade uma qualidade geral do universo. Sabemos, pela análise

espectral e pelas pesquisas com os meteoros, que os corpos celestes se compõem dos mesmos elementos de que a substância terrestre. Pudemos verificar até agora a instabilidade dos elementos pertencentes às famílias urânio-rádium, tório e actínio. E', no entanto, bem possível, que os nossos métodos de observar e de medir, ainda não bastem para reconhecer a instabilidade dos elementos comuns.

Enquanto o rádio possui uma vida média de «sômente» 2.280 anos, a vida média do urânio é de 6.350 milhões de anos. O urânio é o elemento mais pesado que conhecemos e assim, como o cálculo demonstra, existiu muito antes da separação da terra do sol, supondo-se que este cálculo não venha a ser refutado por descobertas futuras. Não sabemos, com certeza, se nos tempos anteriores existiram na terra elementos de um peso atômico que ultrapassasse o do nosso elemento mais pesado. Pelas recentes descobertas no campo da radioatividade artificial somos levados quase a supor que tivessem existido livremente aqueles elementos transurânicos que já se transformaram por completo milhões de anos atrás. O nosso urânio, porém, já tem bastante idade para nos revelar alguns daqueles milagres que se escondem ainda atrás do denso véu, com o qual a natureza encobre os seus mais profundos mistérios.

A radioatividade tem ensinado que existem reações de decomposição que libertam uma energia extremamente maior do que aquelas que conhecemos entre as reações químicas comuns, e que a energia solar, muito provavelmente, tem a sua fonte numa desintegração da sua própria substância. E' uma porção mínima dessa energia, uma parte em dois bilhões, que o sol fornece à nossa pequena terra, mantendo todos os fenômenos de ordem orgânica e inorgânica.

O que acontece neste planeta depende inteiramente de um gigantesco processo radioativo que se realiza, permanentemente, a uma distância de 150 milhões de quilômetros.

Diz Goethe no seu maravilhoso fragmento sôbre a natureza: «Ela tem poucas molas que nunca se gastam e permanecem sempre eficazes e múltiplas». Não há nenhuma dúvida que a radioatividade representa uma destas molas.

Na verdade, o conhecimento dos fenômenos da radioatividade revolucionou inteiramente nossos conceitos acerca da matéria e, com isso, das ciências naturais. E sendo os cientistas da física teórica que criam esses conceitos, a física teórica se apresenta como produto puramente espiritual, provindo da mesma esfera da qual procedem as obras artísticas: da esfera da fantasia.

A física teórica não pode renunciar à imaginação para obter pontos de apoio acerca dos fenômenos naturais que não podemos observar diretamente, precisando, por isso, de certo modo, adivinhar o seu mecanismo, e substituir o que falta em conhecimento pelos sentidos, por uma certa quantidade de imaginação. Diz-se que as teorias são os olhos, as experiências os pés, e a ciência o homem inteiro que usa olhos e pés, para poder caminhar com firmeza para diante.

Os que apenas pensam, isto é, aqueles que criam os conceitos para a descrição dos fenômenos naturais, não poderão resolver tais problemas cuja concepção sômente a imaginação pode gerar, e a escola «neopositivista», ao declarar que o pensamento não é capaz de fornecer

CONT. DA PAG. ANTERIOR

novos conhecimentos, limita-se aos sentidos. H. Vaihinger, criador da filosofia do «como se», diz que o pensamento progride pelo engano, do mesmo modo que a criança aprende a andar, caindo. Andar nada mais é do que uma queda regularizada, como pensar nada mais é do que um engano regularizado. O físico, especialmente, contenta-se e precisa contentar-se com hipóteses, concepções auxiliares que sempre são rigorosamente controladas. Muitas delas tiveram que ser abandonadas, outras, porém, conduziram a novas idéias, a novos resultados, além das possibilidades dos sentidos. Deste modo, por exemplo, o modelo hipotético do átomo, estabelecido por Lord Rutherford e Niels Bohr, contribuiu consideravelmente para a explicação dos fenômenos da radioatividade. Muitas hipóteses sucumbem à seleção crítica, logrando subsistir somente aquelas que podem ser verificadas praticamente.

Quanto mais a ciência natural progride, tanto mais os físicos precisam procurar novos conceitos e novas teorias. Deste modo, os conceitos e as teorias se afastam, gradualmente, do seu caráter concreto, tornando-se abstratas e insondáveis.

E' penoso, para os cientistas mais velhos, desistir da independência que antigamente existiu acerca dos conceitos do espaço e tempo, ou renunciar ao conceito da casualidade, a conexão estreita entre a causa e o efeito.

M. Planck, o fundador da teoria dos quanta, teoria que era, para ele, um «enigma impenetrável», nos mostra um caminho para escapar, de certo modo, ao dilema. A imaginação causal somente se presta para um «espírito ideal» que conheça todos os pormenores do estado real. Nós, porém, seres humanos comuns que somos, estamos ainda ligados aos limites da observação, limites esses dentro dos quais o quadro do mundo nos apresenta os fenômenos físicos. Muitos desses fenô-

menos parecem estar sujeitos a meros acasos, cuja expressão se encontra no cálculo das probabilidades. Mas ninguém pode afirmar que seja verdade incontestável. Esses fenômenos podem ser muito bem dirigidos por leis absolutas e exatas. O que há é que nosso intelecto ainda não logrou descobri-las.

Por enquanto a nova orientação estatística já conseguiu obter grandes êxitos práticos, pela utilização de muitas teorias e hipóteses que se encontram além dos limites dos nossos sentidos e que são compreensíveis através da matemática, como por exemplo, a libertação da energia atômica, surgindo dos estudos abstratos e estranhos da física nuclear. Portanto, não temos nenhuma razão de acreditarmos que essas teorias nos conduzirão aos últimos conhecimentos, aos limites das pesquisas. Não devemos recejar que a história da física seja detida pelas opiniões modernas. Quando os cientistas descobrirem novas relações, as teorias atuais serão suprimidas, em favor de outras. Quando isso se der, terão elas preenchido sua função de ter marcado uma «época» das ciências naturais.

Os físicos que trabalham no campo da radioatividade são os que melhor reconhecem que a matéria ainda esconde muitos segredos. Eles nem sequer sabem de que forma os átomos, no momento da transformação espontânea, se diferenciam dos outros que ainda se acham inteiros. O momento da desintegração atômica dos elementos radioativos é, por enquanto, nada mais do que um acontecimento acidental.

Quem sabe se, em futuro próximo, chegaremos a adivinhar um pouco desses últimos fenômenos microcômicos que, enquanto o mostrador do nosso relógio urânico indicava os segundos cosmológicos, formavam o universo!

(\*) Transcrito do magnífico opúsculo de Henrique Tschelnitz, intitulado "Radium e Radioatividade", com prefácio do Prof. J. C. Cardoso — Rio de Janeiro — 1946 (Nota da redação).

## O SIMBOLISMO DO DRAGÃO CELESTE

Narram as tradições chinesas a seguinte lenda:

"A água que na terra corre assemelha-se à nuvem que voadora no céu; ambas têm a mesma natureza. Só diferem na aparência. A umidade fecunda o Universo, como o caminho do céu fecunda o pensamento dos homens.

Nada melhor, mais fugitivo, mais ativo, mais universal que a água; mas, se as suas ações não se unem, a água do céu nada pode na terra e a água da terra nada pode na nuvem do céu. Por isso, na água da Terra, o peixe, e na água do céu, a ave Hái, vivem separados e são imperfeitos. Mas, se a tempestade elevar as águas, ou o calor do dia as evaporar, e se um leve nevoeiro descer sobre a terra, então se fará a união das duas águas, a terrestre e a celeste. A ave Hái baixará à terra como as unvens; o peixe elevar-se-á pelos céus como a água do rio; quando se encontrarem, a ave Hái emprestará ao peixe as suas azas e o peixe emprestará à ave o seu corpo e as suas escamas. Surgirá, então, o Grande Peixe, que traz escrito no dorso os preceitos da Lei. E logo que seu dorso tocar as nuvens baixadas, tornar-se-á o DRAGÃO.

Desta lenda podemos extrair os seguintes conceitos: a água simboliza a Substancia Primordial, que se polariza em água do céu (Espírito) e água da terra (Materia). Consistiu o Pai-Mãe Celestes (Adam-Kadmon Celestes), das tradições.

O Peixe do mar e a Ave do céu, isolados, são imperfeitos. Da sua união surge, então, o DRAGÃO CÔSMICO, ou o Demiurgo ou o Logos Criador, o Dragão Celeste, que como Deus ou Logos (dos Platônicos), expressa também a própria Lei divina (Dharma).

### NÓTA SOCIAL

*Comunica-nos a Sociedade Teosófica Brasileira que seu insigne fundador e dirigente espiritual, Prof. Henrique José de Souza, acaba de fixar residência na Capital Bandeirante. Ao ilustre professor, nossas boas vindas.*

*Os alvares de uma nova era já se fazem sentir, de modo patente, por toda a parte do Glóbo, muito embora tenhamos que deplorar que essa manifestação se faça sentir através de lágrimas e sangue, por culpa da própria humanidade que, na sua falta de discernimento na escolha do verdadeiro caminho a seguir, destruiu as sólidas muralhas que outrora a protegiam contra as águas invasoras do materialismo bruto que hoje inundam quasi toda a superfície da Terra. (Henrique José de Souza, em "O Verdadeiro Caminho da Iniciação").*

(Continuação do número anterior)

# Os Seis Sistemas de Filosofia Índia

## I — A «Vaysheshika» ou seja o Sistema das Particularidades do «Rishi» Kanada

A Vaysheshika admite que o Universo fenomenal se divide em 7 **Padarthas** ou categorias que compreendem tudo quanto é suscetível de conhecimento: 1) **Dravya** ou substância; 2) **Guna** ou qualidade (atributo); 3) **Karma** ou ação; 4) **Samanya** ou gênero (o que é suscetível de constituir um gênero); 5) **Vishesha** ou particularidade (aquilo que constitui a espécie, o indivíduo, a unidade); 6) **Samavaya** ou coerência (não separatividade, interdependência); 7) **Abhava** ou não existência (negação).

A primeira categoria, **Dravya**, compreende nove qualidades de substâncias, a saber: Terra, Água, Luz ou Fogo, Ar, Ether-**Akasha**, Tempo, Espaço-**Dish**, **Eu-Atmã**, **Razão-Manas**. Porém, estas substâncias não podem existir sem qualidades e estas são em número de dezesseis, a saber: Côr, Gosto, Olfato, Tacto, Número, Extensão ou Quantidade, Individualidade, Conjunção, Disjunção, Anterioridade, Posterioridade, Pensamento, Prazer, Dôr, Desejo, Aversão, Vontade (Esfôrço).

As substâncias se acondicionam por cinco **módos de movimento** ou ação, a saber: 1) Movimento para cima; 2) Movimento para baixo; 3) Movimento de deslocamento; 4) Contração; 5) Expansão.

Todos os objetos de conhecimento (ciência) são, pois, uma substância, uma qualidade ou um movimento. Segundo Kanada, as quatro primeiras substâncias, terra, água, fogo e ar, são **não-eternas** enquanto são agregações de átomos (átomos, no sentido da Físico-química). Estes, por sua vez, são agregados de **átomos primordiais**, também chamados **anús**, os quaes são eternos. Estes átomos existem agregados em forma de matéria orgânica ou inorgânica, ou como instrumentos de percepções sensorias.

Kanada define o átomo primordial (anú) como partícula de matéria indivisível e sem dimensões perceptíveis. A associação de dois anús dá o nome de **Dyanú**, ou molécula igualmente invisível. O composto ou agregado de três moléculas ou átomos duplos forma um **Trasarenon**, o qual tem já dimensões visíveis. Estes compostos de átomos são destrutíveis, tanto quanto os átomos primordiais são indestrutíveis por natureza. Os anús não se devem à Creação de Deus, mas, são coeternos com Ele. No entanto, o poder que o combina procede de Deus, quem unicamente governa o mundo fenomenal.

Segundo a Vaysheshika, o Ether, o Tempo, o Espaço, o Eu-Atmã e o Manas, são substâncias eternas da Natureza.

O Eu ou Atmã possui nove qualidades: Sabedoria, Vontade, Desejo, Felicidade, etc.



A finalidade do sistema Vaysheshika é permitir alcançar a perfeição e a absoluta liberdade da alma com o auxílio do exato conhecimento das causas do Universo fenomenal

## II — A Nyaya ou Sistema de Lógica do Rishi Gautama.

A Nyaya é, por sua vez, um sistema de lógica e de filosofia. Seu fim, como o dos demais sistemas, é chegar ao verdadeiro conhecimento da Natureza, da Alma, de Deus, alcançando a Libertação final. Está baseado na teo-

ria atômica de Kanada e começa pela enumeração das dezesseis **Padarthas** ou materiais de discussão: 1) **Pramana** (meios de conhecimento, provas); 2) **Prameya** (objetos de conhecimento); 3) **Lansaya** (dúvida); 4) **Prayojana** (motivo, objeto); 5) **Dristanta** (exemplo); 6) **Siddhantia** (verdade estabelecida); 7) **Avayava** (Silogismo); 8) **Tarka** (raciocínio); 9) **Nirnaya** (conclusão); 10) **Vada** (argumentação); 11) **Jalpa** (sofisma); 12) **Vitanda** (disputa); 13) **Hetvabhava** (perfidia, mentira, etc.); 14) **Chala** (argúcia); 15) **Jati** (falsa analogia); 16) **Nigrahasthana** (incapacidade para discutir).

Segundo Gautama, os meios de conhecimento ou **Pramanas**, são quatro: 1) Percepção sensorial; 2) Inferência; 3) Analogia; 4) Testemunho.

Os objetos de conhecimento ou **Prameya**, são doze, a saber: 1) Eu ou Atmã; 2) Corpo; 3) Órgãos dos sentidos; 4) Percepção objetiva; 5) Inteligência, **Budhi** (compreensão); 6) Razão (Manas); 7) Vontade (atividade); 8) Faltas; 9) Estado post-mortem; 10) Recompensa; 11) Sofrimento; 12) Emancipação final (beatitude).

Estes dois **Padarthas** constituem fundamentalmente a filosofia Nyaya, pois os restantes fazem somente referência à parte lógica que expõe.

O objeto principal da filosofia de Gautama foi estabelecer os métodos exatos para o conhecimento e formar o perfeito silogismo. Este consta, na Índia, de cinco partes: Proposição, Razão, Exemplo, Aplicação da razão e Conclusão. Suprimindo duas destas partes teremos o silogismo aristotélico perfeito.

Estes dois sistemas filosóficos (Vaysheshika e Nyaya) se completam de um modo perfeito. Possuem numerosos discípulos em muitas partes da Índia, principalmente em Bengala e entre os Jainos.

(Continua no próximo número)

## LEIA, ASSINE E DIVULGUE "O LUZEIRO"

A partir do próximo número, uma estupenda SECCÃO DE CONSELHOS UTEIS, onde serão abordadas questões as mais diversas, de forma inédita. "O LUZEIRO" é o periódico que os verdadeiros intelectuais e espiritualistas aguardavam.

## REMINISCENCIAS ATLANTES (1)

«Tôdas as vezes, ó filho de Bháráta! que Dharma (a lei justa) declina e Adharma (o contrário) se levanta, Eu me manifesto para salvação dos bons e destruição dos maus. Para restabelecimento da Lei, Eu nasço em cada Yuga (idade ou ciclo)». — Do Bhagavad-Gita.

Nos profundos abismos do Oceano, em um vale que se estende, imenso e solitário, entre elevadas montanhas, que em tempos remotos foram vulcões e vomitavam altíssimas chamas: E cujas crateras conservam, ainda, os esbranquiçados sulcos das torrentes de lava que, ardentes, desciam pela sua encosta. Sim, além, naquele vale que serve de leito, dorme a Atlântida, o País de MU, no «cristalino sepúlcro» forjado pelo grande Senhor do Fogo: Vulcano, o espôso de Venus.

A BELA ADORMECIDA volverá um dia a ocupar o seu antigo lugar, quando completamente redimida de seus crimes de lésa-Divindade, despertar com a pálida AURORA desde já anunciada pelo mágico esplendor do CRUZEIRO DO SUL!

Porque teria sido ela sepultada no fundo de um abismo tão obscuro? Que o digam os **rackshasas** negros em luta peréne com os **FILHOS DA LUZ!**

Na **escalada** maldita para desvendar os excélsos segredos ocultos por trás da **cortina dos céus**, os próprios deuses caíram, cegos e imundos, como aqueles mesmos demônios que, debaixo de mil artificios, ganharam a partida maldita de um jôgo infeliz!

E, então, a luta se deu entre Vulcano e Netuno, respectivos deuses do Fôgo e da Água! Tais deuses tanto constróem como destróem! Por eles surgem mundos, continentes e povos! Por eles o silêncio da tumba reina depois de titânica luta! Vida, luta e morte têm armas, para que a própria vida se eleve cada vez mais **para os céus!**...

Que é o Fôgo senão o Espírito? Que é a água senão a matéria? O Fôgo alcançará a vitória final!

Nas tremendas peripécias dessa luta constante, ora vence um, ora vence outro desses dois deuses! Assim, também, a luta peréne entre solares e lunares, de que nos fala o **Bhagavad-Gita**, apontando o campo de **Kurukshetra**, que é o mesmo da vida!

Nesses vulcões extintos no fundo do oceano, vemos a prova da vitória da água. O fôgo arde sempre no coração da Terra, como eterno «rescaldo» por baixo das cinzas; porém, em tempos remotos foi a água que o venceu. Dia virá em que Vulcano, reiniciando a luta, com maior pujança, vencerá a Netuno, que se ocultará com a sua côrte de monstros marinhos, seguido por Eólo, o deus dos ventos impetuóso, seu potentíssimo auxiliar!

Quando Netuno ganhou essa grande batalha, onde hoje se estende o oceano, a Atlântida **havia perdido os seus privilégios divinos!** A perfídia de seus **Reis, sacerdotes e habitantes** mereceu tão tremendo castigo. E como Sodoma foi destruída pelo Fôgo, ela teve a sorte de o ser pela Água. Antes já um outro continente havia sido destruído pelo igneo elemento: a perdida **Lemúria**, da qual restam hoje apenas a Austrália e os cumes e planaltos das antigas montanhas, que formam as exparsas e numerosas ilhas da Polinésia.

Quem nos diz que não se ocultam aí, nesses labirintos fatais, os perversos «demônios» que perderam a Atlântida, se já provinham eles da mesma Lemúria?! Mistérios que não merecem investigações!

«Animus meminisse horret!»...

Dorme, pois, a terra de Mú e longo será seu sôno! Sôbre ela e em seu redor, giram monstros marinhos de horrível fealdade. São cetáceos e crustáceos condenados a morar nas mais profundas e obscuras camadas do oceano. Como poderiam subir à superfície? Acostumados àquela densidade, àquela imensa pressão, àquela fantástica obscuridade, fatais lhes seriam as ondas das camadas superiores e a própria luz do sol. Suceder-lhes-ia o mesmo que a nós se, por qualquer artifício, nos elevassemos a dez ou vinte mil metros acima do nível do mar.

Porém, naquela obscuridade jazem as ruínas do mundo atlante! Erguem-se ainda os restos de tão prodigiosa civilização que, por sua maldade, foi destruída pela água.

Formóso templos e soberbos palácios de cúpulas doiradas; ruas alinhadas e belíssimos parques, que à luz do sol, em tempos distantes, foram o orgulho daquele povo, hoje não são mais do que os esconderijos de tão repugnantes monstros!

Quantos dramas não tiveram por cenário esses edifícios tão soberbos! Reis e sacerdotes, por sua ambição às coisas terrenas, deixaram o Caminho do Bem, os ditames da Lei... e se chafurdaram no lodaçal imundo: o das mais abomináveis práticas da **Magia Negra** e do mais abjeto **sensualismo**... Os próprios templos se transformaram em sórdidos lupanares. E nos régios palácios, reis e escravos **bebiam na mesma taça, o licor sexual** que lhes cabia por prêmio.

De nada valeram as suas faculdades intensificadas pelas potestades do mal; muito menos, as suas dignidades divinas. Tudo isso se transformou em venenosas fléchas, que foram cravar-se em seus próprios corações!

E deste modo pereceu a Atlântida com a sua grandiosa civilização, embora que os **Devas luminóso**s, transformados em **obreiros**, construissem um outro continente semelhante àquela no seio da Terra, ao qual deram o nome de **AGARTHA**, sem mesmo faltarem os 22 Templos de outrora, sendo que o último, no meio de uma «ilha misteriosa», onde residem os deuses com todos os seus **símbolos** trazidos dos céus... À tal «ilha» deram o nome de **SHAMBALLAH!**...

E desde então, começou-se a falar no precioso nome dos **SERAPIS!**

Não julgueis que tudo isso é um mito. Não, porque nos próprios céus descrevem tamanho mistério, as mesmas **estrêlas**. Na Terra, a voz da Natureza, se não bastassem os sagrados vestígios deixados em tôda parte pelos «manús raciais». Dizem ainda daquela civilização semi-humana, semi-divina, os próprios hieroglifos do Egito, como fiél conservador que é das prodigiosas tradições do País de **Mú**. Haja visto as formas estranhas de todos os deuses do seu Panteon.

E se outros **documentos** ainda não bastassem para provar a existência de semelhante civilização e conseqüente catástrofe, aqui transcrevemos dois de imenso valor: o primeiro como tradução de um manuscrito «maya», que faz parte da coleção Le Plongeon (o famoso código troano), existente no British Museum, enquanto o segundo, nos arquivos do antigo mosteiro de Lhassa:

«No ano 6 de **KAN** e 11 **MULUK**, mês de **ZAC**, tiveram lugar horríveis tremores de terra, que continuaram, sem cessar, até o 11 de **CHUEN**. O país das lomas de barro, a terra de **MÚ** foi sacrificada. Depois de duas comições, desapareceu, durante a noite, sendo

I. J. Souza (2)



O sábio sacerdote Mu-ka no trágico momento da catástrofe atlante, que vai descrito no texto

instantaneamente abalada pelos fogos subterrâneos, que zeraram com que a terra cedesse, afundando e reaparendo inúmeras vezes e em diversos lugares, como se fossem ilhas flutuantes. Finalmente, cedeu a superfície os dez países (melhor dito, oito cantões, reinos, etc., desde que eram 7 e o último possuía o valor trino, por aquele que dirigia os demais, espiritualmente falando). Com o País, desapareceram os seus 64 milhões de habitantes, oito mil anos antes de ser escrito o citado documento».

«Quando a estrela Baal (deus, divindade, etc., em várias línguas) caiu no lugar onde hoje só existe ar e céu, as Dez cidades (repetimos oito cidades) em suas Portas de Ouro e Templos transparentes, esmeceram como as folhas de uma árvore movidas pela tempestade. E eis que uma nuvem de fogo e de fumo se elevou dos palácios. Os gritos de agonia da multidão enchiam o espaço. Buscavam refúgio em seus templos e cidadelas... enquanto o sábio **Mu-Ka** («alma da Atlântida»; dizemos nós), sacerdote de **Ra-Mu** («Espírito do Sol», melhor dito, «o Espírito do Sol manifesto na Terra»...), apresentando-se diante da multidão horrorizada, fez-lhe vêr: «Não vos predisse tudo isto?» Os homens e as mulheres, cobertos de preciosas vestes e ricas pedrarias, suplicavam: «Salva-nos, **Mu-Ka!**» Este respondeu: «Morrereis com vossos escravos e vossas riquezas. E de vossas cinzas surgirão novas nações. Porém, se estas esquecerem de que devem ser

superiores, não pelo que recolherem, mas, pelo que dividirem, a mesma sorte lhes há de caber... Sabei ao menos morrer, já que não soubestes viver, pois que eu mesmo o mais que posso fazer, é desaparecer juntamente convosco»... E as chamas e o fumo, além dos ruidos subterrâneos, abafaram as últimas palavras de **Mu-Ka** que, ainda de pé, apontava o horizonte sem fim. Enquanto a terra era dividida em inúmeros pedaços, submergindo com eles 64 milhões de habitantes...»

Que se pôde dizer desses dois preciosíssimos documentos históricos, um na América Central e outro no Tibet, para provar a existência da Atlântida? Que responda a leitor... (3).

Ela, a **Bela adormecida** — sumida em profunda solidão — só pode perceber, através de suas palpebras diáfanas... os terríveis monstros que a cercam, como se um sonho caótico passasse diante de seus olhos. Suas pupilas acostumaram-se às trevas do fundo do oceano... E ela olha e torna a olhar. E sentindo o remorso de outrora, pensa de si para si: «Todos esses monstros são seres traiçoeiros, crescidos no ódio, na cobiça, na inveja, no sensualismo e na falsidade... e é a razão porque mutuamente se destroem... com odio sem igual! Flutuam, também, pelo abismo das águas, restos daquelas paixões bestiais, que ocasionaram a minha destruição, paixões estas que fortalecem ainda a ferocidade dessas bestas marinhas! Quão infeliz eu sou!...

«Não te fies no canto das sereias», dizem as velhas lendas das gentes do mar, pois que, «as sereias cantam para fascinar os homens, atraindo-os para as profundezas do oceano... onde se acha entesoirado tudo quanto de mau conserva o coração humano!

Que sonhos horríveis! Que lutas tremendas e fatais! Tudo aí parece refletir o que se passa no mundo em que estamos vivendo!

Que sonhos, que pesadelos, que angústias, que martírios! Quando terminará tão tremenda visão? Não poderá ela sair de tão profundo sepulcro onde jaz adormecida?

Será que a própria Humanidade não se **afundará** também nesses imensos abismos, procurando prescruitar no coração da Adormecida, os seus próprios destinos? Tais horrores não lhe farão vibrar os nervos?

E que dizer de um Príncipe encantador para despertar a «Bela Adormecida», a «**Branca de Neve**» no seu sepulcro de cristal?

Quantas vezes, perseguidos os homens por alucinantes pesadelos... despertam agitados e banhados em suor! Tremem de medo os seus membros e, nervosamente, pulsa o coração.

E' isto verdade, ou não passa de ligeiro sonho, embora que doloroso? E logo o coração se alegra de ter sido um simples sonho! Sonho? Ilusão? Realidade, sim, no que diz à traição de outrora, a queda, a miséria, a ruína, a confusão tremenda entre o Espírito e a Matéria!

Sucedera o mesmo com a nossa civilização de hoje, desde que outras catástrofes já a sujeitaram ao merecido castigo por se afastar da Lei, nos vários ciclos em que é repartida a vida universal? Sim, outras catástrofes se sucederam e sucederão ainda!

Quão infames e terríveis essas guerras impiedosas, em que os mais fortes, sem dó, nem piedade, julgam-se no direito de destruir os mais fracos, os mais humildes! proclamando, ainda por cima, que «foram eles os perseguidos, os que tiveram seus territórios invadidos, quando não, sob a mais revoltante desfaçatez, que assim procederam como seus defensores ou protetores!»

Ali, também, nas profundidades oceânicas se de-

## CONTEMPLAÇÕES CELESTES

Cont. da pag. 21

e se afasta do Sol, ora volve para êle e começa a min-guar em fases sucessivas. Com a própria vista podeis ter uma idéia de seu estranho mapa. A bôca aberta é o grande circo de Clávio. Junto a êle, e em forma de uma cárie dentária, vê-se a negra cratera de Tycho-Brahe; para o ôlho esquerdo amontoam-se, como manchas acinzentadas, os mares da Serenidade, da Tranquilidade, as Chuvas e as Crises; e na sua sobranceira direita vêem-se branquear as três grandes crateras de Copérnico, Aristarco e Kepler, que às vêzes brilham como se fossem granulações luminosas no bordo irregular da crescente de doze dias. Com a luneta astronômica ficareis deslumbrado diante do seu aspecto branco mate, revelador da carência de luz própria, e das formas cavernosas de seus apagados vulcões, irradiando brechas profundas em todos os sentidos; e diante, ainda, das ilhas luminosas no crescente, e das estrêlas ocultas, à frente das quais ela desfila. Notáveis são, mesmo à simples vista, Aldébaran, Régulo, Espiga, Antárés e as Plêiades, que aparecem durante várias lunações de cada ciclo de dezenove anos.

O Sol, como os homens poderosos, mostra-se mais ávaro com suas riquezas; a humanidade levou muitos séculos para poder mirá-lo, sem que sua vista sofresse com seu brilho. Seus refléxos nas águas pardacentas, a apresentação de seu disco circular através de pedaços de gelo e dos eclipses totais, eram os únicos momentos propícios para a sua observação, até que a alguém acudiu a idéia de esfumçar um vidro.

Não se pode comentar o efeito que produziu na velha rotina a primeira descoberta da física solar: as manchas obscuras que tiravam a beleza rutilante do astro-rei. Que assombro! exclamou a ciência, ferida em seu amor próprio. Sim, naquelas manchas estavam contidos todos os segredos do Sol, como nas «manchas morais», tudo quanto os homens procuram ocultar aos olhos estranhos... Observando a maneira pela qual elas mudavam de lugar, puderam os cientistas saber que a sua rotação era aproximadamente de vinte e cinco dias. Os esfumados contornos das suas penumbras levaram Faye a lançar a primeira hipótese racional a respeito do Sol, dando-o como um núcleo obscuro e denso, análogo à Terra, e cercado por uma capa ou fotoesfera luminosa de hidrogênio incandescente, cujos rasgões, produzidos pelo titanismo daquele seu mar de fogo, deixavam entrever, como manchas, a escuridão do seu núcleo; os contornos das penumbras, do mesmo modo, foram tomadas como uma capa intermediária fluidica.

Quão admirados ficariam hoje os primeiros observadores das manchas solares, se soubessem o que a respeito nos têm ensinado Secchi, Janssen e Lockyer, destruindo por completo aquela teoria, embora estejam ainda longe da verdade! De fato, não são rasgões, mas potentísimos torvelinhos do oceano solar, em que se operam as «crises eléctro-magnéticas» mais profundas e inconcebíveis, que atentam contra a luminosidade do astro, produzindo no éter vibrações mais rápidas que as da luz, e que a mais de trinta milhões de léguas, prejudicam o regime eléctro-magnético e o das chuvas de nossa misera Terra. O nosso globo, correspondendo à millionésima parte do Sol, se neste caísse, seria consumido como um simples torrão de barro no seio de um vulcão incandescente. As chamas de hidrogênio e de outros elementos, ardendo visivelmente durante os eclipses, elevam-se, como irregularidades e protuberâncias, a alturas superiores muitas vêzes a cem raios

terrestres. Necessitariam, para serem descritas, da pena magistral de um Flammarion, um Espronceda, um Victor Hugo ou um Homero.

Que dizer do eclipse total do Sol e das sublimidades da sua incomparável corôa? «Glória de Sol» a chamavam os místicos, ao transportá-la dos céus para servir de auréola às suas divindades; «Dragão Branco», fantástico e mortal inimigo do Dragão Negro, devorador do Sol — nessa constante oposição que se nota em tôdas as coisas, verdadeiro contraste entre a Luz e a Sombra, o Espírito e a Matéria, que até na vida dos astros se manifesta. Nela acreditam indús, egípcios e assírios, para finalmente a imortalizaram nas asas abertas das suas aves decorativas, como símbolos preciosos dos mistérios de Horus e de seu pai Osiris. Alguns astrônomos afirmam que na sua composição entra o corônio e provavelmente alguns outros elementos. Sua côr ultra-terrena, suas prolongações, surgem súbitamente, arrebatadoras e esplendorosas, em momentos que para o sábio se tornam de verdadeira agonia, até êle volver ao clarão do dia. Fazem lembrar a agonia de Sócrates, mas também a Ressurreição de Beethoven, em sua «Décima Sinfonia» — desconhecida do mundo — para não dizer desde logo, a sublime crença na Imortalidade do Espírito.

x x x

Segundo Kepler, «o Sol é algo como um imã sustentando, pelas leis de uma atração recíproca, todos os outros mundos que êle rege; um archote e um fóco permanente de electricidade (2), pondo em movimento sôbre os outros mundos, este agente imponderável, que representa um tão grande papêl entre as forças em atuação no nosso sistema». «Sua ação sôbre a Terra e sôbre os demais planetas» — diz por sua vez Flammarion — «é de uma importância única. A êle devemos nossos próprios princípios; o vento que sopra nos campos; o rio que desce das planícies para o mar; o navio de velas enfunadas; o trigo que germina; a chuva que fecunda; o moinho que transforma a espiga dos campos; o cavalo que salta debaixo dos estribos: a pena do escritor que traduz seu pensamento. E' ao Sol que devemos remontar para podermos obter os grandes fenômenos da vida. E' êle o agente direto ou indireto de tôdas as transformações que se operam nos planetas, êle, cuja fôrça e glória nos cercam e penetram, e sem o qual cessaria logo de bater o coração gelado da Terra».

Resta, entretanto, saber se este Sol, diante de cujo trono se curvam reverentes os maiores sábios, e o astro da noite, ao qual os poetas dedicam seus versos, são de fato aqueles que influem, como diz Flammarion, por exemplo, «direta ou indiretamente», sôbre os destinos da Terra e de quantos seres nela habitam, a não ser que se queira tomar o papel de ambos «indiretamente» como de subordinação a outros astros que por trás se acham «ocultos».

Esta opinião é a mesma já explanada por um dos preclaros membros da Linha dos Kut-Humpas, erroneamente chamado Kut-Humi (como singular do primeiro termo, em língua tibetana), e que abaixo vai transcrita:

«O Sol visível não é absolutamente o astro central de nosso pequeno universo, mas apenas seu véu ou imagem refletida. O Sol invisível, Sol oculto (3) é, segundo sabemos, composto de algo sem nome para a linguagem humana, não podendo, pois, ser comparado a nenhum dos elementos conhecidos pela ciência oficial. Seu reflexo muito

menos contém coisa alguma que se assemelha a «gás», «matéria magnética», etc., desde que nos vemos obrigados a expressar semelhantes idéias em vossa **linguagem civilizada**. Antes de abandonarmos o assunto, que tanto os interessa, devemos afirmar que as modificações na corôa solar nenhuma influência têm sobre o clima terrestre, o mesmo acontecendo com as suas manchas, ao contrário do que julgam muitos sábios. As deduções de Lockyer são, em sua maioria, errôneas. O Sol não é um globo sólido, líquido ou mesmo gasoso, mas gigantesca bola de energia electromagnética, como **reserva de vida** e de movimentos universais, cujas pulsações se irradiam em todos os sentidos, nutrindo, com o mesmo alimento, desde o menor dos átomos ao maior dos gênios, até o fim da **Maha-Yuga** (grande idade ou ciclo de 4.320.000 anos)».

Em outros lugares do mesmo ensinamento:

«O Sol nada tem a ver com o fenômeno da chuva, e muito menos com o do calor.

Nós pensávamos que a ciência oficial soubesse que os períodos glaciários e os análogos da «idade carbonífera» fôsem devidos à diminuição e aumento, ou melhor, à dilatação e contração de nossa atmosfera, expansão essa resultante da existência dos meteoros. Do mesmo modo temos absoluta certeza de que o calor recebido pela Terra, da irradiação solar, representa apenas um terço, ou muito menos, da quantidade recebida dessa presença meteorítica».

As seguintes palavras, extraídas do livro de **Kiu-té**, completamente desconhecido para o mundo, e que pela primeira vez vêm ao conhecimento público, do mesmo modo esclarecem tudo quanto vimos afirmando anteriormente, ou por opiniões nossas, ou pelas de Homens de indiscutível Saber e transcendental caráter, pelo que são denominados «Mahatmas» (**Maha, grande e Atmã**, alma):

«Subi à mais elevada montanha da Terra, e nem assim poderei divulgar o menor raio do Sol, que se oculta por trás daquele que percebeis com vossos olhos físicos. Este não é mais do que a sua **psíquica roupagem** (4). E' o mediador plástico entre a Terra e o referido Sol, que por trás daquele se acha.

(1) Transcrito de "Ocultismo e Teosofia" de LAURENTUS, obra editada pela Sociedade Teosófica Brasileira (nota da redação).

(2) "Fôrça e Lux" ou Kundalini e Fohat (nota do autor).

(3) O verdadeiro Mercurio (nota do autor).

(4) Duplo astral, na mesma razão do que acontece aos homens (nota do autor).



O homem cheio de fé, do mesmo modo que aquele que subjuga seus sentidos, alcança a Sabedoria. E uma vez a mesma alcançada, alcança êle rapidamente a Suprema Paz. Porém, o ignorante, o homem sem fé e escravo da dúvida, caminha para a perdição; porque, nem neste mundo, nem nos que lhe ficam acima, existe felicidade para aquele que duvida. (Do Bhagavad-Gita, ou "Canto do Bemaventurado", sloka 39).

## REMINISCENCIAS ATLANTES

Cont. da pag. 29

sencadeiam guerras tremendas entre nações, entre classes, entre indivíduos, tal como se dá no mundo em que vivemos! pois que é bem o espelho onde se reflete tudo quanto acontece à luz do sol!

Que é nossa atual e decadente civilização, sinão, a própria alma atlante desviada dos superiores princípios, digamos custodiados na sua «oitava cidade?»

E por que razão essa mesma civilização que se julga elevada ao pináculo da glória, ao máximo da evolução, falando em «século de luzes», em progresso e outras coisas mais, nega a existência de sua própria origem, mesmo que antes tivessem existido outras três Raças-mães, em relação com a própria descida do «Espírito na Matéria?» Sim, por que razão não lhe há de servir de exemplo o tremendo castigo, que a própria Lei (que a tudo e a todos rége), infligiu à semelhante civilização?

Razão de pairar sobre a sua cabeça aquelas mesmas ameaçadoras palavras do «festim de Baltazar» — MANE-THECEL-PHARES, isto é, «Pesado, medido e contado», na razão do Karma ou lei de ação e reação, que tanto vale por aquela sentença atribuída a Jeoshua, ou seja: «Quem com ferro fere, com ferro será ferido». Ou aquela outra do Corão, possuidora do mesmo sentido: «Dente por dente, olho por olho».

E que a Humanidade está pagando o tributo cármico de suas imprevidências e crimes, respondem os horrores que se passam em nosso Globo.

O momento atual, já o dissemos em outros estudos é bem semelhante ao que fez dizer ao apóstolo de Patmos: «A grande Babilônia tornou-se a morada dos demônios e o repasto de todos os animais que nos causam asco, porque, «as nações beberam do vinho de sua impudicícia e os reis da terra se prostituíram com ela»...

Como outrora: ALEA JACTA EST! Sinão: DLENDA CARTHAGO!

(1) Transcrito da Revista Dháranã n.º 104, pág. 25, de 1940 (Nota da Red.).

(2) Presidente cultural e espiritual da Sociedade Teosófica Brasileira. (Nota da redação).

(3) Nos próximos números de "O LUZEIRO" o problema da existência da Atlântida será novamente abordado (Nota da redação).



*Não permitas que o sol ardente seque uma só lágrima de dor nos olhos do aflito, antes que tu mesmo a tenhas enxuto.*  
(A voz do Silêncio)

LEIA

ASSINE E

DIVULGUE

"O LUZEIRO"

# DOR E ANGÚSTIA (\*)

FULTON J. SHEEN

Deus fez este mundo muito pequeno para nós. Nossos desejos são maiores do que as nossas realizações; nossos sonhos são mais doces do que a vida e nossas esperanças mais largas do que os nossos amores. Nós possuímos um oceano de desejos, mas apenas uma taça para mergulhar em sua vasta superfície. A cada momento nós nos chocamos de encontro às muralhas do universo e esfolamos nossas pernas em suas grades.

Esta é a causa básica de toda a compaixão e de todo o sofrimento. Nós fomos feitos para o infinito. Nós temos asas na alma mas elas ruflam contra a armadilha do nosso corpo e a trivialidade das nossas cidades.

A primeira resposta de todas as religiões contra os tormentos da alma é a de que nós fomos feitos para Deus. Se a nossa alma já se compenetrou de que fomos feitos para Deus, não há razão alguma para a dor. A dor, até certo ponto, supre as deficiências do nosso amor.

Nós, geralmente, aprendemos a amar a lei que nos proíbe de pôr os dedos no fogo, depois de havê-los queimado. A amorosa obediência a nossos pais poderá nos salvar do desastre, mas, onde o amor falha, a dor aparece, para nos ensinar a lição necessária.

Feitos para Deus, nós nos queimamos nos prazeres da Terra, como se tivéssemos sido feitos apenas para eles. Construimos nosso abrigo na terra, esperando encontrar contentamento aqui e, no entanto, a dor vem, como ferro em brasa, incinerá-la. A medida que os prazeres são saciados, que nossos corpos se alimentam de emoções, que os nossos amigos se esquecem e que o poder nos torna distantes, nós dizemos, mais e mais, no interior dos nossos corações: «Oh, Senhor, deve tudo se passar, exceto Vós?»

A missão da dor não é apenas a de nos recordar de que esta terra não é tudo, mas também de ajudar-nos a expiar e fazer penitência pelos nossos pecados. A dor é colocada perto do mal para ajudar a alma a se redimir. Embora a dor não necessite sempre ser externa, como nas doenças ou nos acidentes, pode ser e geralmente é interna, uma inquietação, um descontentamento, um aguilhão na consciência, uma sensação de que nem tudo está certo, uma vazio e uma solidão.

E' esta última espécie de dor que, hoje em dia, está conduzindo muitos corações e almas de volta ao seio de Deus. Nada como uma profunda sede para satisfazer um coração. Foi com esta analogia que Nosso Senhor converteu a mulher junto à fonte. Ela já havia tido cinco maridos e o homem com quem estava vivendo não era seu marido.

E, no entanto, ela ainda tinha sede de amor. E' também interessante notar que ela é a primeira pessoa nas Escrituras que O chama de «Salvador do mundo».

E, Ele a salvou da solidão e saciou-lhe a sede.

Esta última qualidade de sede pode ser chamada de angústia, ao invés de dor. Todos sofrem de angústia, inclusive as crianças, em meio aos seus brinquedos. Ela é de certa forma, relacionada com a esperança — uma sensação de que o universo não existe em vão e de que os anseios da alma devem ser satisfeitos em algum lugar.

O pessimismo olha para o passado que, segundo êle, não se pode redimir. A angústia, porém, olha para o futuro, na esperança de que o passado pode ser desfeito. A angústia chega com a percepção de que se possuem poderes que nunca foram usados e isto faz com que a alma vise a objetivos elevados, onde esses poderes serão despendidos em exercício e ação. A angústia não nasce da fraqueza, mas da força e da possibilidade, assim como a dor nasce das limitações.

O homem moderno, ao invés de se abandonar ao desespero, pode começar a ter esperança por intermédio da angústia, pois nela Deus está arrastando a alma para um amor que está acima de todos os amores e para uma beleza que «mostra que todas as outras belezas apenas eram sofrimento».

E' uma qualidade peculiar a este século que acumulou mais riqueza e poder do que qualquer outro século, ser também o século da maior angústia. Aqueles que encaram essa vaicuidade como a de um abismo, cairão no desespero e nas trevas. Aqueles, porém que nela virem o espaço vazio dos tubos de órgão, poderão executar as melodias do Infinito e se sentirem felizes com a canção.

(\*) (Transcrito do «Diário de S. Paulo» de 10-7-1952)

## PENSAMENTOS

*"Quanto mais penetramos nos mistérios do Universo, tanto mais se elêva em nós a fé num Deus, uma fé cheia de lógica, que nos vence, uma religião que é a mesma para todos os intelectuais do mundo." (Urbantchitch).*

*"Se um homem no meio do deserto encontrasse um relógio, jamais aceitaria que essa pequena e complicadíssima máquina fôra creada por si mesmo. Sem dúvida, concluiria que fôra fabricada por um artifice, apesar de nunca ter visto um relojoeiro. E nós devemos acreditar que essa maravilhosa harmonia do Universo, com todas as suas leis e creações, se tenha desenvolvido, por acaso, de um caos, sem que tivesse interferido uma Inteligência Creadora?" (Paley - Teologia da Natureza).*

## ALGUMA LUZ SOBRE A LENDA DO CARAMURÚ

Prof. Henrique José de Souza (2)

Recebi a «Revista Genealógica Latina» n.º 3.

Tendo passado os olhos de relance, sôbre os demais trabalhos — pois sômente daqui a alguns dias poderei fazer leitura completa de uma revista que vale um tesouro — tive ocasião de verificar na pág. 352, abrilhada com a veneranda e venerável figura do Imperador D. Pedro II, a parte final da referida página, que fala de Diogo Álvares Corrêa, o Caramurú, do qual já trouxe em trabalhos meus sôbre a História do Brasil, principalmente a parte referente à ilha de Itaparica (3), onde o mesmo Caramurú teve ocasião de aportar, depois do naufrágio. Ora, neste ponto a História está errada, além do mais, porque não se pode conceber que um naufrago possa nadar conduzindo uma espingarda, muito menos, que essa, tratando-se de uma simples «escopêta», não tivesse molhado a pólvora, e ser impossível produzir a respectiva detonação, ou lendário « tiro » que abateu uma pomba, de preferência a uma garça. Do que se trata, sim, em referência ao nome de «caramurú», é de um peixe em forma de cobra, muito comum no referido lugar, e em todo o Brasil onde haja pedras, ao qual também se dá o nome de «moreia». Diogo Álvares Corrêa, no momento de alcançar terra foi chamado de «Caramurú», ou «Dragão (serpente, etc.) do mar». Tudo mais a respeito não passa de invenção por parte dos historiadores mal informados. E a prova disto se pode verificar à pág. 64 de «Povoamento da Cidade do Salvador» (evolução histórica da cidade do Salvador), de Thales de Azevedo, no capítulo do mesmo nome, isto é, «Caramurú» quando o mesmo diz: «Do fato de ter surgido do mar, por entre as pedras (o grifo é meu) ali existentes, os mesmos indígenas lhe deram o nome de «Caramurú», com o qual se celebrou em nossa história. «Caramurú» era a *moreia* (novo grifo nosso), um peixe anguiliforme que vive entre as pedras e tanto era a acepção que um seu descendente, no século XVII, usava o nome de Belchior Dias Moreia. Não passa, pois, de lenda a que deu curso o Pe. Simão de Vasconcelos, em sua crônica quinhentista da Cia. de Jesus no Brasil, o episódio do « tiro numa ave com espingarda e pólvora salvos do naufrágio », dando lugar ao cognome com o sentido de «homem do fogo» ou «filho do trovão».

Mais adiante, o referido autor faz a mesma crítica nossa, diante da impossibilidade de um naufrago, nadar ao mesmo tempo que conduzia arma longa e pesada, sem prejudicar, do mesmo módo, a pólvora, etc., etc.

(1) Transcrito da «Revista Genealógica Latina», n.º 4 — ano de 1952 — pág. 79 (nota da redação).

(2) Presidente Cultural da Sociedade Teosófica Brasileira (nota da redação).

(3) Ver Revista «Dhárana», órgão da S. T. E., n.º 109, de 1941 (nota da redação).

## O MISTERIOSO NÚMERO «SETE»

O número SETE é profundamente venerado pelos que conhecem o mistério de tudo quanto se manifesta no Universo.

Nas escrituras brámanicas, por exemplo, o referido número aparece com grande frequência: **Sapta-Rishis**, os sete sábios da Índia; **Sapta-Pura**, as sete cidades celestes; **Sapta-Dvipa**, as sete ilhas santas (ou continentes que o Glôbo terrestre deve possuir desde o começo até o fim de sua evolução); **Sapta-Saamudra**, os sete mares; **Sapta-nadi**, os sete rios sagrados e também, os sete centros de força (**chakras**) no homem; **Sapta-par-atta**, as sete montanhas santas; **Sapta-aranja**, os sete desertos sagrados; **Sapta-cula**, as sete castas; **Sapta-loka**, os sete mundos superiores e inferiores, etc.

Segundo os brámanes, o número «sete» encerra, em seu sentido místico, uma representação alegórica do Deus imanifesto, da Triade inicial e da Triade manifestada. O Deus imanifesto, ou irrelativo, como gême imortal de tudo quanto existe; Triade inicial, **Nara-Nari-Viraj**. O Deus imanifesto, tendo dividido seu corpo em duas metades (o Pai-Mãe das escrituras), macho e fêmea, **Nara** e **Nari**, produziu **Viraj**, o Verbo Criador. A Triade manifesta, seria **Brahmâ-Shiva-Vishnú**, que tanto vale pela cristã, Pai-Filho-Espírito Santo, ou as Normas ou Parcas Mitológicas com os nomes **Cloto**, **Laquesis** e **Atropos**, como as três conhecidas forças: centrífuga, centrípeta e equilibrante.

Os judeus, igualmente, deram um sentido misterioso ao número «sete». Segundo a Bíblia o mundo foi criado em SETE dias; as terras devem repousar todos os sete anos; o dia do jubileu sabático volta tôdas as sete vezes, sete anos; o grande lustre de ouro do templo possui sete braços, cujas sete chamas representam os sete planetas; sete sacerdotes fazem ressoar sete trombetas, durante sete dias, em volta de Jericó e as muralhas dessa cidade se desmoronam no sétimo dia, depois que o exército israelita deu sete voltas em torno da mesma.

No Apocalipse de S. João, encontra-se: as sete Igrejas (sete religiões, melhor dito); os sete candelabros; as sete estrêlas; as sete lâmpadas; os sete sélos (ou sinêtes); os sete anjos; os sete vasos; as sete chagas; as sete pragas; etc.

Do mesmo modo o profeta Isaias, querendo dar uma idéia do brilho da aureola que cerca Jeová, diz: «Que ela é sete vezes maior do que a Luz do Sol e semelhante à Luz dos sete dias reunidos (melhor dito, valor igual aos sete asros que giram em torno do Sol).

Na vida do homem a «Lei Setenaria» torna-se, ainda, mais patente: do nascimento aos 7 anos; dos 7 aos 14 (profundas transformações físicas e psíquicas); dos 14 aos 21 (maioridade diante das leis); dos 21 aos 28 anos, etc. O mês das mulheres, francamente lunar, é de 28 dias ou 4 x 7. As células orgânicas se renovam de 7 em 7 anos. E assim por diante.

«Se os homens não adquirirem convicções morais muito mais completas e profundas, tôdas as tentativas de reforma política ou social, além de illusórias, concorrerão para aumentar a desordem» (Montagut).

«Do mesmo módo que o último soldado de um exército pôde, algumas vezes, com uma flecha inflamada, destruir a mais sólida fortaleza do inimigo, assim também, o homem mais fraco, quando se faz campeão da VERDADE, pôde derribar as mais sólidas muralhas da superstição e do erro. (Dos Livros Sagrados do Oriente).

# ORIGEM DA PARABOLA

(Célebre alegoria de Lichtwehr)

Certo dia — o último dia da Idade de Ouro ou Satya-Yuga — a Mentira surpreendeu a Verdade enquanto esta dormia, e roubando-lhe as vestes, com estas se cobriu tornando-se a soberana única na Terra.

Seduzido o mundo pelo falso brilho da Mentira disfarçada em Verdade, logo foi despojado da sua primitiva inocência, renunciando a toda Sabedoria, a toda probidade e justiça. Expulsa e menosprezada, a Verdade cedeu seu lugar à sua rival, a Mentira, pois que esta usurpando seu nome, substituído foi o antigo culto que se rendia ao verdadeiro e ao justo, pelo falso e injusto. Tudo quanto a Verdade dizia — e assim continuava até hoje — era qualificado de falso, intolerável e extravagante. A despeito pois de seus legítimos foros, chegou a Verdade ao ponto de suplicar, por onde quer que passasse, «que a ouvissem ou atendessem», mas sempre era repelida com o maior desprêso e altivez... Os mais insolentes qualificavam de imoral a sua casta e ingênua nudez!... «Segue o teu caminho, mulher odiosa, que desse modo te atreves a aparecer diante de nossos olhos até hoje isentos de tamanha indignidade! Jamais terás o prazer de nos seduzir com os absurdos da tua linguagem e a indignidade da tua nudez».

Convencida a Verdade de que a Humanidade não mais a admitia em seu meio, foi ter ao deserto. E logo ali chegou teve ocasião de encontrar, junto à uma sarça, as imundas vestes deixadas naquele lugar pela Mentira, quando lhe roubou as suas... E como não tivesse outras, vestiu-se com elas, ficando assim a Verdade sempre Verdade, porém, disfarçada com as características vestes da Mentira...

Assim metamorfoseada, a Verdade pôde voltar para o meio dos homens que a acolheram, ao mesmo tempo, alegres e maravilhados. Aqueles mesmos que antes se escandalizaram com a sua nudez, foram os primeiros a receberem-na — sob tão estranho disfarce — com o belo e significativo nome de fábula ou «Parábola», que ela mesma adotou desde aquela época até hoje...

## COMENTARIO

A formosa alegoria que acabamos de descrever não é mais do que uma versão, das mais felizes, dos versículos 30 e 38 do Sura II do Corão, conhecida por «A Vaca», pois que o profeta Mahoma dirigindo-se a seu povo teve ocasião de dizer: «Ó filhos de Israel! lembrai-vos sempre dos benefícios com que vos tenho cumulado, segundo os vossos próprios desejos. Sede fiéis à minha aliança, que eu também o serei... Não oculteis a verdade uma vez conhecida, nem a revistais jamais com a roupagem da mentira».

Enquanto no versículo 64 do Sura seguinte se repete: «Ó vós ingratos que recebestes as escrituras (judeus, cristãos, árabes), por que ocultais o verdadeiro, se já o conheceis? Por que razão, perversos, vestís a Verdade com o manto da Mentira?»

A vibrante censura de Jesus aos fariseus, chamando-os de «lobos disfarçados em ovelhas», e «sepulcros esbranquiçados», como podem ser vistos em diversas passagens do Evangelho, servem, por sua vez, de base a Mahoma para dizer a mesma coisa nos supracitados versículos.

O mito universal, do mesmo modo, apresenta-nos de várias maneiras, o verdadeiro sentido iniciático que no Oriente se dá à «maya» ou a ilusão de tudo quanto

nos cerca neste mundo, e contra o que temos de lutar se quizermos realizar nossa missão terrena, ou seja, a de buscar a Senda da Verdade, desmascarando heróica e laboriosamente a mentira, que a cada passo se nos apresenta com o enganador e prejudicial disfarce de verdadeiro e justo.

Dir-se-ia, com efeito, que as duas evoluções, animal e propriamente dita humana, existentes no homem, lutam constantemente pela hegemonia, armada uma de mentira ou «ilusão de verdade», e a outra, com a própria verdade, embora que sempre verdade mais ou menos relativa e perfectível. Razão porque nossa vida não é mais do que uma contínua perda de ilusões tomadas por verdadeiras, por se acharem sob a máscara do disfarce ao se apresentarem diante de nossos olhos mais que grosseiros...

Que foi feito daqueles encantos maravilhosos de nossas brincadeiras infantis como nossa única e absorvente verdade daquela época? Que dizer, ainda, de nossas amorosas ilusões de jovens, cuja perda brutal tem levado a muitos ao nefasto suicídio e a outros, à própria loucura? Do mesmo modo, nossas aspirações de riqueza, honra, fama e poder que àqueles sucederam?... «Verduras das eras» como dizia o «Livro de Job» não eram sinão ilusões disfarçadas em coisas verdadeiras e tangíveis.

Mas, esse caminho de ver em cada passo que damos no decorrer de nossa vida, a conseqüente morte de uma ilusão nos conduziria diretamente ao negro pessimismo, se ante a desilusão de ver aparecendo cada vez mais as vestiduras da mentira à medida que a vamos despojando daquelas que à Verdade foram roubadas. Não se correspondesse, na mais lógica e perfeita das simetrias, a «anti-ilusão» da busca da Verdade, que nos homens de vida normal e pura vai enchendo, com notória vantagem, o vazio deixado pela ilusão ao despojar-se das suas enganadoras vestes... Ninguém, entretanto, pôde vangloriar-se neste mundo de ter arrebatado da Verdade a última das suas vestes, o «Véu de Isis», como diriam os antigos, véu, talvez, de piedade suprema, que procura eclipsar os ardores vulcânicos de uma Suprema Verdade, à qual não poderíamos olhar face à face, sem nos sobrevir a morte, do mesmo modo que ao Sol não podemos olhar horas seguidas sem que nos tornemos cegos...

E isto, porque a Mentira absoluta não existe, como não existe nenhum outro dos conceitos negativos, simples efeitos de contraste com os opostos conceitos positivos, os homens chamam de mentira a todas aquelas verdades relativas, ou de grau inferior a outras verdades mais altas, que já possuímos, do mesmo modo que fazemos, na ignorância de nosso próprio futuro, quantas outras verdades nos podem aparecer, muito mais excelsas ainda do que aquelas que, com um pouco de esforço e boa vontade, já logramos alcançar com o auxílio de nosso próprio mental.

Razão porque pôde afirmar o grande Ragon, que é «preciso desvendar o que é falso para se descobrir o verdadeiro»; por nossa vez, a alguém que nos indagou, em tom de crítica, «onde estava a verdade?», respondemos categoricamente: «Por traz da Mentira», isto é, deixar à mentira ou ao erro os véus de que se reveste, para chegar à verdade que jaz oculta por baixo de

las elas. Porisso ainda, Espronceda pôde cantar o anismo vitorioso que a conquista da verdade exige se lhes deixar os véus grosseiros que a encobrem, ra poder contemplá-la face à face, e cantar, ao mesmo tempo, esse illusório cristal da mentira, cristal em e a verdade se reflete tal como o esbatido sombrio luz das estrelas na superfície dos lagos. Semelhante stal, enfim, é aquele cuja côr, interposta entre nossos ros e o mundo exterior, faz-nos ver a este último, lorida sempre pelas correspondentes illusões, idêntica da conhecida «Dolora», do vate filólogo asturiano, lora esta nunca por demais louvada pelos maiores e ais sensatos pensadores do mundo.

Na Índia a iniciação é feita através da «Maya Buda ou Maya-Vada», isto é, a Verdade é ensinada através dos véus da fantasia. Jeoshua (ou Jesus), como

«Adepto budista que era», pouco importando opiniões contrárias, ensinava aos seus discípulos de modo revelado, e ao povo, segundo o referido método oriental, melhor dito, «por meio de Parábolas»; dentre elas, por exemplo, a do «Filho Pródigo que volta à Casa Paterna», que outro sentido não tem, senão, da Mônada que volta ao Seio de Ishvara, ou seja, o mesmo donde um dia desceu ao mundo. Na mesma razão do dito de S. Agostinho: «Viemos da Divindade e para Ela havemos de ir». No Ocidente já se adota o sistema do «test», com seu significado de «prova», isto é, a prova a que se expõe a Inteligência do aluno na descoberta da verdade por baixo do véu da fantasia.

NOTA DA REDAÇÃO: O presente conto é o primeiro da grande obra de Roso de Luna intitulada PELO REINO ENCANTADO DE MAYA, devidamente traduzido e ampliado nos seus comentários pelo Prof. Henrique José de Souza, Presidente cultural da S. T. B.

## O ANIVERSARIO DE FUNDAÇÃO DA S. T. B.

Recebemos da S.T.B. a seguinte mensagem:

«A 10 do corrente mês, foi solenemente comemorada, na Capital da República e em diversas associações fiadas, pelo Brasil, o 28.º aniversário de fundação marial da Sociedade Teosófica Brasileira. Esta Associação, completamente independente e autônoma, não irgiu no Brasil, como um fenômeno comum religioso, e que tão pródigo tem sido o nosso século. Como a ôr de lotus que, em cem anos, floresce apenas uma vez, ela é a pétala augusta de um movimento cuja origem se confunde com as idades e para quem os milênios são partículas infinitesimais do tempo divino. Não veio trazer aos homens o consolo da piedade, mas o consolo da Verdade e da Justiça. Surgiu como surgem, o longo da história humana, os movimentos destinados libertar o espírito da degradação, a alma das paixões o corpo das enfermidades morais. A Sociedade Teosófica Brasileira é um elo da corrente da evolução, um nêl da grande cadeia que, partindo do Logos manifestado, a Ele voltará pelos caminhos da experiência, abindo e descendo, palmilhando a espiral da travessia humana na face da Terra.

Nascendo espiritualmente em S. Lourenço, a 28 de setembro de 1921, tomando forma objetiva em 10 de agosto de 1924, como Sociedade Dhâranâ, mais tarde maria o nome de Sociedade Teosófica Brasileira, para defender e preservar de contaminação desagregadora, a ciência divina de que Blavatsky foi, no Ocidente, a nunciadora. A Teosofia, a Eterna Doutrina Primordial, guardada, através dos séculos, nos colégios iniciáticos, devia ser mantida na sua pureza primitiva, pois ela emanaram tôdas as religiões e todos os conhecimentos humanos e, nela, todos se hão de fundir, quando o espírito dos homens, redimido e liberto, puder entrar no gozo perpétuo da bemaventurança e da plenitude do seio da Divindade.

Mas a Teosofia não é a sua finalidade e, sim, o miraculoso instrumento com que o seu dirigente supremo, e o seu colégio iniciático abrem a porta das almas dos corações, para a aleluia de um novo ciclo humano restes a raiar, tramontando o horizonte do mundo.

A sua missão é preparar, com a sagrada fecundidade dos germes da verdade incorruptível, a estrutura do povo que há de realizar, na insensidão finita da Ter-

ra, a mais alta e a mais maravilhosa obra humana da Ronda em que vivemos. O seu dirigente supremo foi buscar à Índia, partindo adolescente ainda da cidade do Salvador, no recesso das Fraternidades que se espalham pelo orbe, como fôcos lustrais de perene ressurreição, o facho da Lei, cumprindo o espírito das profecias da Serra de Sintra e os augúrios das avoengas tradições que apontavam esta parte do mundo — a América e, na América, o Brasil — como destinada a servir de berço a uma nova idade, a última do ciclo caleidoscópico dos velhos árias.

Em nossas fileiras só militam aqueles homens de boa vontade, desejosos de implantar no coração e no cérebro de seus semelhantes, as virtudes do caráter, os esplendores do espírito e o alimento divino da sabedoria. Nós propiciamos aos homens a ciência profana, ao lado da divina, combatemos as trevas, rompemos as cortinas metálicas da ignorância, porque não queremos autômatos fanatizados, mas homens conscientes, livres, fortes e belos.

Alguma coisa há de sobrenadar à hecatombe que se aproxima, por que nenhuma força do mal poderá aniquilar aquele pequeno colégio de eleitos, que sofrem vendo sofrer, mas que passam indenes pela destruição, como a Salamandra pelo fogo, porque são depositários da sabedoria eterna das idades. São esses os que tudo recomeçam, e, sentindo embora sangrar o coração e partirem-se as cordas da alma, recolhem a experiência de todos esses males e misérias humanas, para plantar novamente, sobre a terra de uma cultura morta, o germe fecundo de uma outra civilização.

Assim como o camponês preserva das intempéries o seu campo de lavoura, a Sociedade Teosófica Brasileira vela, defende e preserva a América e o Brasil, porque, como afirmou o Prof. Henrique José de Souza, nosso Mestre Venerado e Venerando, «defender a América e o Brasil, é defender, para a humanidade, a terra generosa de onde brota a esplendente árvore de um novo e glorioso capítulo da civilização».

«A civilização ocidental, puramente européia, entrou em colapso. Estamos num fim de ciclo e na alvorada de um outro, que terá por centro de gravitação as Américas. (Henrique José de Souza — Dhâranâ número 126).

# HORÓSCOPO DESTINO E CARATER DOS NASCIDOS SOB O SIGNO DE VIRGO

(De 21 de Agosto a 20 de Setembro)







Tôdas as pessoas nascidas quando o Sol está em Virgo, são práticas, críticas, metódicas, engenhosas e inteligentes. E' o signo dos homens de negócios, dos indivíduos ativos no plano físico, que não duvidam da existência espiritual, mas também não perdem tempo em sonhos e especulações ociosas sôbre o invisível, procurando pelo contrário, encarar tudo pelo lado prático.

As pessoas nascidas sob êste signo são calmãs, atentas, cuidadosas, prudentes, ativas, cheias de tato, alertas e engenhosas. Não pretendem renome ou reconhecimento, mas agem com a maior discreção possível.

As influências dêste signo proporcionam idéias de castidade e tendência ao celibato. Produz também os matrimônios tardios. São sériamente afetadas pelo casamento, dependendo a sua felicidade da pureza e castidade do cônjuge. Concordam mais com as pessoas nascidas de 21 de Dezembro a 20 de Janeiro. Convém precaver-se do orgulho, afim de evitar os riscos e as quedas de que se verão ameaçados a partir dos trinta anos.

As mulheres de Virgo, embora um pouco irascíveis, são afeiçoadas, discretas, prudentes e ativas.

Existem três classes de indivíduos sob o signo de Virgo, como mostra o quadro:

 	<p><b>Os que nascem de 21 a 31 de Agosto.</b>                  Se inclinam muito aos cálculos e à premeditação, quase nunca agindo de acôrdo com os seus impulsos; são reservados, tímidos e difíceis de contentar. Possibilidades de longa vida e aptidões para as artes mecânicas.</p>
 	<p><b>Os que nascem de 1 a 10 de Setembro.</b>                  São mais conscienciosos e quase sempre se elevam na vida pelos próprios méritos. São geralmente cientistas e críticos, e, sendo sensíveis, percebem vivamente as condições ambientes. São racionadores, competentes, previdentes e persistentes. Amantes da economia e da ordem.</p>
 	<p><b>Os que nascem de 11 a 20 de Setembro.</b>                  Não são tão favorecidos e se inclinam a uma vida menos ativa; possuindo muito mais reserva, são tranquilamente firmes, porém menos castos. Tendência ao jôgo, podem ser dotados de espírito inventivo. Geralmente são pouco felizes no casamento.</p>



## AGENTES DE "O LUZEIRO"

- S. PAULO { Oswaldo Francisco Gibin  
 Ignácio Cruz de Farias Rua da Liberdade, 47 - 1.º andar — Fone: 35-2785
- RIO DE JANEIRO - José Vieira Lima — Rua Buenos Aires, 81 - 1.º andar — Fone: 52-9944
- S. LOURENÇO - Manoel Rafael Nunes - Rua Batista Luzardo, 476
- CAMPINAS (Est. de S. Paulo) - Oswaldo Junker — Rua Tiradentes, 306
- PORTO ALEGRE (Rio Grande do Sul) - Thomaz de Sá Pereira - Caixa Postal, 1719
- SALVADOR (Est. da Bahia) - Dr. Jado Couto Maciel — Rua Luiz Gama, 18
- BELÉM - (Est. do Pará) - Dr. Carlos Lucas de Souza — Praça da República, 257.
- CUIABÁ (Est. de Mato Grosso) - José Rodrigues da Mata Machado — Rua Dr. Joaquim Murtinho, 1116

IMPRESSO NA  
**GRÁFICA IRMÃOS GIBIN S. A.**  
 Rua Carnot, 94 - S. Paulo